

A ORIGEM FLORENTINA DOS PRIMEIROS GRANDES HOSPITAIS PORTUGUESES

O documento que vai ler-se é de capital importância para o estudo da origem dos regulamentos dos primeiros grandes hospitais que houve em Portugal, o de Nossa Senhora do Populo, das Caldas, fundado em 1485 pela Rainha D. Leonor e o de Todos os Santos, de Lisboa, fundado em 1492 por D. João II, seu marido, um e outro poderosamente auxiliados por D. Manuel.

Vejamos como chegámos e porque motivo, a esta conclusão.

D. João II, ao determinar, no seu testamento, que o Hospital de Todos os Santos «pouco mais ou menos seguisse o Regimento que se tem em Florença e Sena», ⁽¹⁾ indicou-nos uma pista.

A Rainha D. Leonor, afirmando-nos em documento escrito que o Cardeal de Alpedrinha fôra quem começou a redacção do Compromisso das Caldas, que lhe mandou depois para rever, ⁽²⁾ forneceu-nos outra pista.

O Cardeal Alpedrinha, com 101 anos já, quando D. Leonor lhe mandou o Compromisso completo, para rever, em 1507, conhecia bem o funcionamento dos hospitais de Roma e porventura outros, pois em 1486, ao fazer os Estatutos do Hospital de Santo António dos Portugueses, teve antes, por incumbência expressa do Papa Inocêncio VIII, ⁽³⁾ de estudar bem esse funcionamento.

⁽¹⁾ D. António Caetano de Sousa — Provas da História Genealógica — II — pág. 167.

⁽²⁾ Jorge de S. Paulo — História da Rainha D. Leonor e da fundação do Hospital das Caldas — pág. 125.

⁽³⁾ Estatutos da Igreja e Hospital de Santo António dos Portugueses (ano de 1539 e Trellado dos Estatutos do Snor Cardeal Dom Jorge, 1486) Lisboa — Imprensa Nacional — 1890.

Ora, havendo inúmeros pontos semelhantes no Compromisso das Caldas e no Regimento de Lisboa, não parece arriscado atribuir-lhes um modelo comum, tanto mais que o primeiro, embora o Hospital já funcionasse em 1488, tem a data de 1512, e o segundo, a de 1504.

Qual seria então esse modelo? O Hospital de Santo António dos Portugueses, de Roma, ou outro desta cidade? Algum de Florença ou Sena? Qual? Não nos foi ainda possível analisar todos os documentos.

Duas coisas podemos, porém, já afirmar:

1.^a — Que o Hospital de St.^o António dos Portugueses apenas deve ter fornecido subsídios insignificantes para a redacção do Compromisso das Caldas e Regimento de Lisboa, se é que forneceu, devendo antes ter seguido o mesmo modelo de ambos.

2.^a — O Regimento de Santa Maria Nova de Florença forneceu inúmeros e indiscutíveis subsídios para a redacção da maioria das disposições dos dois regulamentos, nomeadamente das mais importantes delas.

Em Florença havia vários hospitais, bem como em Sena. Os mais importantes da primeira destas cidades eram o de Santa Maria Nova e o de Bonifácio, ou de S. João Baptista, aquele fundado em 1285-1288 por Folco Portinari e este em 1377-1387 pelo heróico Bonifácio Lupi de Parma, Marquês de Soragna ⁽⁴⁾.

Porque nos inclinámos a aceitar a hipótese de se tratar do de Santa Maria Nova, que aliás a leitura do regulamento confirmou? É o que vamos ver.



O Hospital de Santa Maria Nova foi fundado, como vimos, por Folco Portinari, em 1285, quando em Portugal reinava D. Diniz e a Rainha Santa, e quando no nosso País foram fundados múltiplos hospitais, entre eles os de D. Domingos Jardo e Bartolomeu Joanes em Lisboa e o de Santa Elisabeth em Coimbra, entre outros que se devem à Rainha Santa, a D. Diniz, etc.

É natural que a influência dos franciscanos, tão evidente em Portugal, se tenha dado. Com efeito, o Hospital de Santa

⁽⁴⁾ Marco Covoni — Girolami — Regolamento dei Regi Spedali di Santa Maria Nuova e di Bonifazio — Firenze, 1789 — pág. XVI e XLIX.

Maria Nova foi edificado em terrenos pertencentes ao Convento de St.^o Egídio, da Ordem da Penitência, passando a pertencer-lhe a igreja e depois todo o edifício do Mosteiro, com a condição de nele continuarem a viver os 8 irmãos que lá restavam, depois de extinta a Ordem.

Reunindo a pouco e pouco, principalmente desde 1439 em diante, os bens de diversos antigos hospitais, igrejas e capelas; criando, pouco depois da sua fundação, uma secção especial destinada a mulheres; agregando a si continuamente terrenos vizinhos; o Hospital de Santa Maria Nova foi-se tornando cada vez mais perfeito e notável.

Dirigia-o desde a fundação um Hospitaleiro, acumulando as funções com as de Reitor, eleito pelo fundador e, depois, pelos seus descendentes varões, embora debaixo do ponto de vista religioso fôsse apresentado pelo Bispo, que confirmava a escolha, sempre feita assim de acôrdo entre eles.

No Hospital das mulheres, fundado em 1301, trabalhavam, desde o seu início, senhoras oblatas, tendo-se dedicado ao exercício da caridade por amor de Deus. Em 1324 no Hospital dos Homens passou a ser seguido regime idêntico.

Tanto os oblatos como as oblatas seguiam uma regra semelhante às dos conventos, usando trajes uniformes e modestos, elegendo eles próprios, com o Hospitaleiro, os novos membros da sua comunidade. Havia indulgências e privilégios para os oblatos e oblatas, bem como para tôdas as pessoas que visitassem a igreja do Hospital ou ajudassem êste e exercitassem actos de caridade a favor dos doentes.

O Hospital de St.^a Maria Nova durante dois séculos ganhou prestígio crescente, enquanto aumentava os seus serviços e os aperfeiçoava, tornando-se êstes particularmente apreciáveis em ocasião de epidemias, merecendo louvores e auxílios do govêrno da cidade de Florença.

Alexandre de Medicis (1510-1573) promoveu uma reforma do regulamento do Hospital, encarregando disso vários nobres e homens respeitáveis, reforma visando essencialmente a sua boa administração.

Em 1524 a fama do funcionamento exemplar de St.^a Maria Nova de Florença era geral. Vários reis da Europa pediram informações a respeito dêle (*). Nesse ano Henrique VIII de

(*) Marco Covoni-Girolami — *Regolamento dei Regi Spedale di Santa Maria Nuova e di Bonifazio* — pág. XVI a XXIV

Inglaterra escreveu também em tal sentido, à família do fundador, respondendo-lhe um membro da casa, descendente de Folco Portinari, o Protonotario Apostolico Francisco Portinari (*).

A resposta dada a Henrique VIII por Francisco Portinari é um documento dos mais notáveis para a história dos hospitais do fim do Sec. XV e começo do Sec. XVI.

Para os portugueses tem particular interêsse. Com efeito, são evidentes as semelhanças entre as disposições do seu regulamento e as que se encontram no Regimento do Hospital de Todos os Santos e no Compromisso de Nossa Senhora do Populo, das Caldas.

O facto do de Lisboa ser datado de 1504 e o de Florença ter sido reformado por Alexandre de Medicis, por conseguinte depois de 1510, pode fazer surgir a dúvida sobre se o Regimento mandado a Henrique VIII era diferente do que levou D. João II em 1492 a indicá-lo como modelo, com o de Sena.

Essa questão, a nosso ver, tem importância secundária. A reforma de Alexandre de Medicis não deve ter alterado as características fundamentais do funcionamento do Hospital de Santa Maria Nova, pois o preocupou, como vimos, principalmente a administração económica da instituição. O próprio facto de haver tantos pontos de semelhança entre os três regulamentos e o de Todos os Santos ser anterior ao govêrno de Alexandre de Medicis, vem confirmar esta opinião.

Só a leitura do documento na íntegra permite apreciar devidamente o caso. Entretanto chamamos a atenção para êsses pontos de semelhança.



Começaremos por comparar os quadros do pessoal, inscrevendo ao mesmo nível os funcionários com atribuições idênticas ou idênticas denominações.

(*) Passerini — *Storia degli stbilimenti di beneficenza e d'istruzione elementare gratuita della città di Firenze* — págs. 304-306-851-867.

<i>Hospital de Todos os Santos</i>	<i>Hospital das Caldas</i>	<i>Hospital de St.ª Maria Nova</i>
(1504)	(1512)	(1524)
Provedor	Provedor	Hospitaleiro-Reitor
1 Capelão vigário	1 vigário	—
1 Capelão (ou mais, externos)	3 capelães	12 capelães
2 moços da capela	1 Tesoureiro - sacristão	1 sacristão
—	—	6 clérigos acólitos
1 físico	1 físico-cirurgião	3 médicos internos
—	—	6 médicos externos
1 cirurgião interno	—	—
1 cirurgião externo	—	1 cirurgião externo
2 moços de cirurgião	—	3 ajudantes de cirurgia
—	—	1 farmacopola
1 boticário	1 boticário	—
3 ajudantes do boticário	—	1 enfermeiro chefe
4 enfermeiras maiores	2 enfermeiros	1 enfermeira-chefe
1 enfermeira	1 enfermeira	—
7 enfermeiros pequenos	ajudantes de enfermeiros	ajudantes de enfermeiros
—	ajudantes de enfermeiras	ajud. de enfermeiras
1 ajudante de enfermeira	1 cristaleira	—
1 cristaleira	1 bardeiro sangrador	1 barbeiro
1 barbeiro sangrador	—	— (Ver acima)
1 veador	1 hospitaleiro	—
1 hospitaleiro	1 hospitaleira	1 arquivista-notário
1 hospitaleira	1 escrivão	—
1 escrivão	1 almoxarife	1 dispenseiro
1 almoxarife	1 ajudante de almoxarife	1 sub-dispenseiro
1 dispenseiro	—	1 chefe dos guardas dos doentes
—	—	—
6 escravos dos 2 sexos	8 escravos dos dois sexos	—
13 criados vários	3 criados vários	41 criados vários

Como se sabe, o Hospital das Caldas tinha 100 camas, tendo o de Todos os Santos e o de Santa Maria Nova duzentas cada um, nas suas diversas secções. Não admira, pois, que o pessoal de Todos os Santos se compusesse de 54 pessoas, o do

Hospital de Florença de mais de 80 e o das Caldas apenas de 29, não contando os ajudantes ou substitutos dos enfermeiros.

Os cargos não correspondiam sempre a denominações iguais, havendo atribuições de certos funcionários dum hospital distribuídas por funcionários diferentes noutros.

Assim, o chefe ou director nos hospitais das Caldas e Lisboa tinha o nome de provedor, ao passo que em Florença era denominado hospitaleiro desde a fundação do hospital, acumulando, de certa data em diante, as funções de reitor, correspondente ao cura ou vigário de Todos os Santos e das Caldas. O responsável pela guarda da igreja e objectos do culto era em Lisboa o 2.º capelão, nas Caldas e em Florença o Tesoureiro.

As funções do Tesoureiro de Florença não eram todavia só essas, incumbindo-lhe também a guarda das roupas, a cargo dos hospitaleiros nas Caldas e Lisboa. Os testamentos eram feitos nas Caldas pelo escrivão, em Lisboa pelo cura e em Florença pelo arquivista-notário.

As funções do sacristão de Santa Maria Nova eram desempenhadas em Nossa Senhora do Populo pelo Tesoureiro e em Todos os Santos pelos moços da capela.

As dos almoxarifes das Caldas e Lisboa estavam em parte a cargo do hospitaleiro de Florença. O servidor do almoxarife era o dispenseiro nas outras casas.

As funções técnicas correspondiam-se nos três hospitais.

O pessoal de enfermagem e o auxiliar e, em particular, o feminino, é que tinha em Florença regime diferente do dos hospitais portugueses, visto trabalhar gratuitamente, por amor de Deus, vivendo em comunidade religiosa. O hospitaleiro de Florença, com largos poderes, como os nossos provedores, seguia também um regime diferente. Em vez de receber qualquer ordenado, só podia ser nomeado para tal cargo quem se dispusesse a deixar ao Hospital todos os seus bens.

★

Que pontos de semelhança existem então, a mostrar-nos, de modo insofismável, a origem florentina dos regulamentos dos nossos hospitais?

Havia em qualquer deles um chefe, com plenos poderes, correspondentes a expressas responsabilidades, o provedor, nos hospitais portugueses, o hospitaleiro, em Florença.

Nos três havia igualmente regulamentos escritos pormenorizadas, indicando clara e insofismavelmente as atribuições do pessoal religioso, técnico e administrativo.

A noção da responsabilidade e da precisão das funções eram patentes em todos.

As cerimónias religiosas estavam ordenadas de modo a contribuírem, num todo harmónico, para o constante aperfeiçoamento moral do pessoal e dos doentes, para evitar abusos e parasitismos, nos três hospitais, e ajudarem as curas, promovendo o mais possível o sossego de espírito, não só pessoal, como o que se referia às famílias, realizando de qualquer modo o que hoje incumbe ao serviço social hospitalar.

A obrigatoriedade da confissão, por exemplo, que hoje nos pareceria uma violência contra a liberdade de consciência, permitia, numa época em que a quasi totalidade da população era religiosa, evitar, só por si, que explorassem os hospitais pessoas abastadas, dizendo-se pobres, evitando os atestados «oficiais» modernos, que constantemente são sofismados e não correspondem a pobrezas reais.

Em Florença, como em Lisboa e nas Caldas, eram acolhidos, a par dos doentes, os peregrinos e viandantes.

Em Santa Maria Nova, onde em particular se abrigavam peregrinos que se dirigiam de toda a cristandade a Roma, predominando nas Caldas os que iam para S. Tiago de Compostela, havia uma característica curiosa, não verificada nos nossos hospitais, qual era a dos mesmos peregrinos terem capelães a quem se podiam confessar nas próprias línguas, nomeadamente em inglês, francês, alemão e espanhol. A finalidade expressa dos três hospitais era o cumprimento das Obras de Misericórdia para com os que neles fóssem recebidos. Todos os que lá entravam eram lavados, a todos se fornecendo roupas das casas, guardando-se-lhes cuidadosamente as que traziam, bem como dinheiro, para lhes ser restituído ao partirem.

Em Lisboa, como em Florença, havia uniforme, modesto, nos hospitais, sobre o qual, era usado um emblema.

Nos três havia notários privativos para fazerem testamentos aos doentes, obrigatórios nos hospitais portugueses, com as mais rigorosas condições de segurança para os doentes e suas famílias.

Os provedores portugueses tinham de dar contas de todos os seus actos aos reis ou rainhas; o hospitaleiro florentino aos senhores do hospital, descendentes de Folco Portinari, seu fundador.

Quando qualquer pobre adoecia e não podia ir por seu pé à consulta, tanto em Lisboa como em Florença o médico e o

provedor ou hospitaleiro iam visitá-lo, fazendo-o transportar aos respectivos hospitais.

Nas Caldas havia 100 camas; em Todos os Santos e Florença, 2×100.

As normas de asseio e higiene existiam nos três hospitais. Em todos havia latrinas, exigindo-se limpezas frequentes de todas as dependências, evitando maus cheiros; lavavam-se os doentes à entrada, todos lavando também as mãos antes das refeições; mudavam-se-lhes as roupas a miúdo, ou todos os 8 dias, ou antes, se o médico assim o entendesse.

O médico, em Florença, usava umas vestes brancas, que envergava antes de fazer a visita, espécie das batas modernas, de que não encontramos vestígios em Portugal nos dois hospitais, lavando as mãos depois do serviço feito.

Era feita uma ficha minuciosa de cada doente, indicando o nome, filiação, naturalidade, procedência e doença de cada um.

A separação nítida do pessoal em religioso, técnico e administrativo, verificava-se nos três hospitais.

Em todos havia rondas noturnas para velar os doentes, como era feito entêrro respeitoso e decente aos que morriam, fazendo-se sufrágios por todos os mortos.

Todos tinham farmácia bem fornecida, exigindo-se aos farmacêuticos competência e procurando-se obstar ao mínimo erro ou troca de medicamentos.

Os médicos faziam em qualquer dêles duas visitas diárias a todas as enfermarias, a elas assistindo, nos três, os farmacêuticos e enfermeiros e quem cuidava das dietas, para ouvirem do médico todos os esclarecimentos e desaparecerem as mínimas dúvidas.

Qualquer acidente, doença súbita, ou entrada de doente inesperada, tinha assistência garantida por um médico ou cirurgião de serviço permanente.

A par do tratamento medicamentoso, cuidava-se de assegurar a todos os doentes o conforto moral, devendo os capelães consolar os que sofressem e animá-los, cuidando-se-lhes da alma como do corpo.

A par dos pobres eram recebidos pensionistas. Havia alojamentos especiais para clérigos, seculares ou regulares.

Uma particularidade curiosa, comum aos três hospitais, era o uso de água cosida (fervida) e de tisanas de cevada e aveia.

Em Florença havia um compartimento especial para curativos, espécie de Banco, ou sala de pensos, chamada medicinariis, como havia uma cama especial destinada a examinar os

doentes recém-chegados, espécie de marquesa moderna, que não conseguimos apurar nem em Lisboa, nem nas Caldas.

Durante as refeições, eram lidas nos refeitórios, em voz alta, passagens de livros sagrados.

As horas das refeições, como as de consultas e visitas médicas, eram anunciadas pelo toque de sinetas, usadas igualmente para chamar os médicos, enfermeiros ou capelães.

O recato, socêgo e pudôr das mulheres estava assegurado, não podendo nenhum homem entrar nas secções que lhes eram reservadas, salvo os provedores e capelães, que teriam de ir sempre acompanhados e por motivos justificados.

O hospitaleiro de Florença fazia uma visita mensal de inspecção às enfermarias, durante a qual proferia predicas, tendentes a evitar discórdias entre as doentes, «tendo sempre em atenção as características do sexo e a imbecilidade feminina» (habita semper ratione sexus et imbecilitates muliebris).

Aos doentes que não podiam ir ao refeitório eram distribuídas refeições nas enfermarias, nas próprias camas, com todo o carinho, cada qual em sua mesa e com toalha própria e depois de lavadas as mãos.

No fim das refeições, como no começo delas, eram sempre dadas graças a Deus. Nos três hospitais havia hortas anexas para os gastos das casas, como havia moinhos, fornos, etc.

Do regulamento de Florença havia dois exemplares, um para a leitura habitual, outro guardado num cofre. Do das Caldas havia três, um guardado no hospital, outro na Torre do Tombo, o terceiro no Convento dos loios de Lisboa.

A jurisdição episcopal era maior em Florença do que nas Caldas e Lisboa, embora em nada prejudicasse o prestígio do hospitaleiro e a disciplina, severa nos três hospitais.

★

Só a leitura do Compromisso das Caldas, do Regimento de Todos os Santos e do Regulamento de Santa Maria Nova, pode dar bem ideia do parentesco existente entre elles.

Unidade de direcção, prestígio do chefe, disciplina, competência dos médicos, cirurgiões, enfermeiros e demais pessoal técnico, a par das qualidades morais e caridade de todos, preocupação de economia e eficácia administrativa, sem que nada faltasse aos doentes; assistência religiosa com a preocupação de cuidar tanto dos males da alma como dos do corpo, tudo com a finalidade comum de tratar o melhor possível os doentes,

única razão de ser dos hospitais, eis o que caracteriza, em resumo, as disposições dos três regulamentos, em todos os quais se lêem as normas fundamentais que regulam o funcionamento dos mais exigentes e perfeitos hospitais modernos.

Chamando a atenção para elles não pretendemos, evidentemente, que se vão copiar tôdas as suas disposições, feitas numa época em que não podiam prever-se as descobertas posteriores da ciência, postas ao serviço da técnica da arte de curar, mas obstar, sim, a que, por se não lerem atentamente, se vão cometer imprevidentes imprudências que não cometeram os homens que orientavam os hospitais de há 4 séculos.

Julho de 1942.

FERNANDO DA SILVA CORREIA

Regulamento de Florença ⁽¹⁾

«Informazione del Regolamento dello Spedale di Santa Maria Nuova, mandata da Francesco Portinari ad Enrico VIII Re di Inghilterra.

Illustrissimo ac gloriosissimo Angliae Franciaeque Regi II Invictissimo, Dominoque Hyberniae, Henrico VIII, humillimus servus Franciscus Portinarius, Prothonotarius Apostolicus, felicitatem, et secundos Coelos.

Cum sint tria bonorum genera, gloriosissime Rex, illum admodum felicem et fortunatum hominem appellabimus, coelitesque illi maxime propitios esse credemus, cui omnia bona illa competant et concurrant: ut fortuna arrideat, ut corpus respondeat, ut virtus eluceat. Inter eos, si qui sunt, qui admodum rari sunt, sed omnia praeclara rara, tu in primis, pro magnitudine Maiestatis, computandus es, quippe cui cuncta haec bonorum genera cumulatissima adsint. Sed superiora illa corporis et fortunae bona, non tam nostro arbitrio, quam in fortunae temeritate (ut Cicero luculenter ait) posita sunt. Animi autem virtutes excolere, eas amplexari, in eisdem versari, ea vero sapientia, prudentiaeque thesaurus haberi debet. Inter decus (?) nostrum, et hominum infinitum distat; quorum perfecto infi-

(1) Passerini — *Storia degli stabilimenti di beneficenza e d'istruzione elementare gratuita della città di Firenze* — Cópia obtida pelo Snr. Dr. J. Gomes Branco, por intermédio do Instituto para a Alta Cultura.

nitatem virtus sola conciliat; siquidem per eam mortales immortalitatem solummodo consequuntur.

Tu vero regum, qui fuerunt, qui sunt, quique futuri sint, omnium humanissimus, et virtutum omnium observantissimus, coelestis Heros effectus es, ut facile et merito divus Henricus, romano more, appellari possis. Proxime est factum, ut ipse ex amplitudine regni, et Maiestatis tuae pietate ductus, quâ vel solâ ad Deum accedimus, quam quidem plenitudinem Legis est dilectio, amplissimum paras aegrotantium Domicilium et subsidium condere; eo propter petit decoratissima Dominatio tua, ut magni et ornati Hospitalis nostri formam, ordinem et dispositionem libris delegamus. Quam quidem rem eo libentius fecimus, quam aliquid non aspernandae gloriae Civitati nostrae ex regia petitione accedebat; et quam tibi, regum munificentissimo a nobis praeclarissimae Coronae tuae devotis et adscriptis, erat gratificandus.

Quam ob rem, accipe, mitissime Rex, serenâ fronte quod postulasti, quod erit apud nos pro nostro latere tanto gratius, quanto Seremitas tua letius accipiet. Vale perpetuo felix.

*
* *
*

In Nomine superi, coelestis, ultra-mundani ac gloriosi Dei, Deiparaeque Mariae perpetuae Virginis; magni et praecellentis Hospitalis titulo Sanctae Mariae Novae, in Urbe Florentiae, Principium, Ordo, et Institutio incipit.

Folcus olim Ricoveri de' Portinariis, Civis Florentinus, Anno ab Annuntiatione MCCLXXXVIII, mense Junio, fundavit et condidit dictum Hospitale, ad honorem et gloriam Dei, et Genitricis Mariae.

1—Modus eligendi et creandi Hospitalarium

Posterius et descendentes ipsius Folchi Portinarij per masculinam lineam huius Hospitalis sunt Domini et Patroni, et per eos Hospitalarius eligitur, cum vacat, qui statim decernitur, si ex tribus partibus adsistentium duae partes in suffragiis conveniant et concurrant. Suffragia sunt per fabas albas et nigras, Florentino ritu. Hospitalarius autem semper eligitur Vir Religiosus, annorum quadraginta saltem qui bona fama sit, et optimis moribus. Et huius electionis instrumentum fit per publicum Notarium, quod ab Ordinario confirmatur.

2—Qualis debet esse habitus Hospitalarii et Familiae

Imprimis instituimus et ordinamus, ut Hospitalarius, officiales, conversi, et omnes familiares Hospitalis, pro salute animarum suarum, ac pro augmento Hospitalis, simul conversentur et vivant, invicem ferendo molestias, gravedines, et ignorantias proximi. Pauperes egrotos, qui ad Hospitale veniunt, refugiunt et divertunt, tamquam Christum Salvatorem, propriis manibus excipiant, eos visitent, eos consolentur, misericorditer foveant, cibent, mudent, suis necessitatibus subveniant, medeantur omni cura et charitate. Volumus etiam ut Hospitalarius, tam in parte Hospitalis virorum, quam in parte feminarum, custodes, vigilesque disponat, et interdiu et noctu, qui jugiter infirmos visitent, et hortentur charitative, et omnibus eorum necessitatibus provideant.

Cum intelligamus Hospitalarium esse ducem, dispositorem et tutorem suae familiae, sic scimus oportere eum esse vitam irreprehensibilem in opere, actu et habitu honestatis, et sanctimoniae, qui a reliquis respiciatur tanquam exemplum, et norma virtutis. Propterea statuimus et volumus, quod Hospitalarius, simul cum ceteris domesticis et officialibus vestiat vestes viliores ex panno grigio rudiori, modici pretii, cum sigillo Hospitalis, idest scipione ex panno viridi et ruffo, et quod Hospitalarius id signum latere sinistro gestet.

3—Quod Hospitalarius non potest habere alia sacerdotia. Insuper, quod nec ipse nec quispiam in suâ familiâ propria bona teneat

Sancimus praeterea, et ordinamus, quod Hospitalarius nec possit nec debeat habere, vel regere, vel curare aliud officium, aut sacerdotium, praeter dictum Hospitale; et debeat destituere, et abrenuntiare totum aliud officium vel sacerdotium intra tres menses, per modum ut ad aures et ad notitiam Ordinarii Antistitis Civitatis perveniat, et ipsorum qui sunt Hospitalis domini et patroni; alter electio irrita et vana sit: atque eadem omnia subintelligantur observanda in conversis, familiaribus, et perpetuis servis Hospitalis. Volumus adeo, nullum Hospitalarium posse aut debere ullo modo habere proprium bonum, aut mobile aut immobile; qui si tempore suae electionis haberet bona ulla propria, et in usum suum peculiarem, debeat et teneatur penitus abdicare et abrenuntiare in usum et utilitatem et proprietatem Hospitalis, intra

tres menses a suâ creatione; quae bona convertantur in alimoniam pauperum Infirmorum hospitalitiae domus: atque hoc ipsum debeat notificare patronis et rectoriibus ipsius Hospitalis intra spatium trium mensium, aut maiori parti ipsorum tutorum et rectorum qui Floreniae tum temporis agerent. Quibus omnibus non servatis, electio et institutio vana sit, ac Hospitalitale vacare intelligatur; ubi Patroni queant debeantque ad novam Hospitalarii electionem procedere. Quae universa et singula servanda censuimus in conversis, familiaribus, perpetuisque servis Hospitalis, tam in feminis quam in maribus dictae domus hospitalitatis.

4 — Jus et autoritas data Hospitalario

Hospitalarius electus a dictis patronis debet regere et curare Hospitalitale tam feminarum quam virorum, cum autoritate eligendi, et ad crescendi ministros et ministras servos et servas perpetuas et perennes pro suo arbitrio prout jubet et vult usus et ordinamentum domus.

Ius habet insuper adhibere officiales, et curatores ad administrationem Hospitalis et pauperum infirmorum, his modis et formâ qui inferius describentur. Potestatem quoque habeat vendendi, et emendi, et faciendi omne illud quod in usum et utilitatem veniat manifestam dicti Hospitalis. A summo nostro Pontifice et apostolicâ autoritate ius habet vendendi.

5 — De obedientiâ habendâ ab omnibus erga Hospitalarium

Praeterea sancitum volumus et institutum, ut quilibet vel conversus, vel servitialis perpetuus Hospitalis, atque hi omnes qui deputabuntur et committentur in obsequium Domus, tam mares quam feminae, teneantur et obligentur omnia ea exequi et peragere, quae sibi ab Hospitalario demandabuntur et committentur, aut ab aliis officialibus, sub quorum obedientiâ deputabuntur. Quae omnia et singula debeant agere, facere et perficere ex virtute huius ordinis, bene, sedule ac diligenter et pie, in omnibus et per omnia, sub multa et poena quae in suprascriptis Capitulis nostri ordinis continentur.

6 — Quod questor aerarius, sive Camarlingus, eligendus est

Hospitalarius, una cum conversis, aut quator ex antiquioribus et dignioribus viris ex numero familiarium et servorum

Hospitalis, eligat et creet plerisque concordibus, unum ex conversis et familiaribus perpetuis ipsius Domus, qui illis videatur esse idoneus et aptus ad quaesturam vel camarlingatum Hospitalis: quod si hoc commodè fieri non possit, eligatur unus ex familiaribus non perpetuis; cuius officium et cura duret unum annum, nec pluries. Possint etiam dictum Camarlingum confirmare praedicto modo in alterum annum, intra dies octo; qui si intra hoc spatium octo dierum non confirmatur, tunc intelligatur, suum officium Quaestoris absolutum esse et finitum. Constituimus adeo, quod quilibet Camarlingus nostri Hospitalis teneatur et debeat, ad minus intra mensem a suâ creatione, accipere ab Hospitalario qui tunc temporis erit, per inventarium et descriptionem, omnia suppellectilia, idest bona mobilia ed immobilia quae eo tempore aderunt, tam ea quae ad officium Quaestoris attineant, quam quae sint Ecclesiae, aut aliorum officialium et ministrorum cuiuscumque sint nominis: quas res omnes et bona quaestoris volumus curae committi et demandari; atque hoc inventarium fieri debet intra mensem, ut dictum supra est, coram Hospitalario, et conversis, et familiaribus, et servis, et ministris dictae Domus, exhibitâ notitiâ talium rerum Patronis et Rectoribus Hospitalis, si tali inventario adesse vel interesse vellent; atque in fine sui officij et muneris, easdem res et bona eadem debeat Questor referre, et rationem ponere novo Camarlingo iussu Hospitalarij: similisque consignatio, et reddito fiat ad Infirmary, Gastaldo, aliisque consimilibus officialibus, tam apud mares quam feminas, earum rerum quae intersint sui officij.

7 — Quod Quaestor debet scribere accepta et expensa

Cavemus insuper hoc, quod quaestor quilibet pro successu temporum, debeat diligenter et solerter in libris et codicibus sibi deputatis, omnia et quaelibet accepta cuiuscumque pecuniae et rerum et bonorum immobilium, quae ad suas manus perveniant, dum quaesturam gerit, et aperte, et dilucide, et distincte, sub infracriptis rationibus et rubricis notare, ponens et describens nomina et agnomina hominum et personarum, quarum nomine acceperit res et bona, et earum demonstrationem, et personarum qualitatem, et res, et tempora, et dies in quibus universa illa accepta fuerint, ut dilucide et palam semper possit videri, unde, quando, a quibus, et quae res, et quae bona venerint.

Primum, sub unâ rubricâ, describantur omnia et quaeli-

bet accepta, idest, redditus testamentorum, legatorum, codicillorum, et quarum libet ultimarum voluntatum.

In secundo, sub aliâ rubricâ, describantur omnes redditus elemosinarum manualium, et oblationum Ecclesiae et alterum omniumque aliarum domorum adscitarum et coniunctarum Hospitali, quas cippos vocant.

In tertio, sub unâ rubricâ, in scriptis maneat omnes et quilibet redditus et proventus pensionum; et item scribantur a questore proventus prediorum Hospitalis.

In quarto loco, sub aliâ rubricâ notentur et signentur omnia et quaelibet accepta suppellectilium et rerum venditarum dicti Hospitalis.

8 — Quod Camarlingus debet notare exitus et expensas in Libro publico Hospitalis

Et primum, sub uno capitulo et rubricâ, notentur omnes exitus et impensae quae fient in frumento, pane, vino, segetibus, et aliis rebus necessariis coquo vel promo, vel dicas cellario, et etiam in candelis sebaceis.

In secundo notentur exitus qui fient in caseo, piscibus, oleo, sale, carnibus, larido et exungia, avibus, et quibuscumque aliis rebus quae spectent ad victum.

In tertio, sub aliâ rubricâ, scribantur expensae quae fient in lignis, carbonibus, prunâ, cinere, pomis, herbis, rebusque aliis minutis pertinentibus ad usum culinae et horti.

In quarto signetur omnes impensae quae fient in saccaro, in rebus aromaticis, in cerâ et medicinis, atque aliis rebus spectantibus ad infirmos, et ad usum et officium Infirmariae.

In quinto, sub aliâ rubricâ, notabuntur a quaestore impensae factae in aedificando et reparando et instaurando Hospitalis et domus, et omnia aliaque occurrentia ad ipsas restorationes.

In sexto habebitur notitia de quâcumque impensâ quae fiet in salariis et stipendiis Medicorum, Avocatorum, Patronorum, Tabelionum Notariorum, scriptorum, et librorum scripturarum et instrumentorum, paginarum et cartae, quinternionum, et librorum et atramenti, in testamentis, codicillis, et in quacumque ultima voluntate, et quibuslibet aliis scripturis.

In septimo ordine rubrica erit, in quâ expensa notabitur vestimentorum ex lino et lanâ pro infirmis et familiaribus; Item expensa renorum (sic) et capitiorum pelliceorum, aliarumque rerum in usum vestiendi et calicandi.

In octavo describentur sumptus qui fient in vectigalibus et portoriis, tributis et exactionibus quae imponuntur bonis et rebus et personis, quorum omnium Hospitalis fuerit heres, et cuivis intererit solvere et satisfacere tributis.

Placuit nobis hoc cavisse, ut quilibet quaestor huius hospitalis debeat mercari, comperare, vendere, capere, repetere omnia et quaelibet bona mobilia, et res pertinentes et utiles existentes pro commodis Hospitalis et domus et familiae et aegrotantium.

Haec tamen agat et exequatur cum consilio et voluntate Hospitalarij, hoc excepto, cum quaestor fuerit aegrotus, aut abfuerit, aut in quocumque alio modo ubi quaestor non possit fateri res sumptas, et capere; quibus in casibus Hospitalarius possit et debeat accepta fateri et sumere, prout poterat quaestor accipere; quo impedimento cessante, Hospitalarius debeat quae accepit, et quae confessus est, quaestori celeriter et commode constituere, consignare et reddere.

9 — Quod Quaestor debet rationem ponere illarum rerum quas gessit

Cavisse hoc placuit, quod quilibet quaestor nostro Hospitalis debeat per quosque duos menses, intra dies octo sequentis mensis, rationem ponere integram et legitimam omnium earum rerum quae ad eius manus pervenerint, et quicquid in his duobus mensibus fuit erogatum et impensum; sed absolutâ et finitâ suâ questurâ, teneatur rationem et calculum reddere generalem totius suae administrationis, accepti et expensi, redditus et sumptus, omniungue aliarum rerum, Hospitalario, aut alteri cui Hospitalarius mandaverit, item uni ex patronis seniori.

10 — Quod non possint donari aut alienari bona Hospitalis

Statuimus adeo et sancivimus, ut nullus conversus, familiaris, servusque nostri Hospitalis, maris (sic) vel femina, pro tempore, vel in futurum, queat, vel debeat vendere nec alienare, dare, donare et concedere pecuniam, vel quamlibet rem, vel bonum, vel jus dicti Hospitalis; hoc tamen reservato, quod Hospitalarius possit de bonis mobilibus et pecuniâ dare, donare, erogare et impendere quod voluerit pauperibus et aegrotis, iuxta Domus potentiam et possibilitatem, et facultatem, ut scilicet,

respiciat sublime Deum consuetudinemque suam, quam in praedictis rebus legitimum iudicem ponimus.

11 — Quod coniugati in contubernium Hospitalis accipi non possint

Neminem coniugatum, vel femminam vel marem, vel aliquâ religione adstrictum volumus posse accipi aut haberi in coenobio et contubernio nostrae Domus, in obsequium et exercitium Hospitalis.

12 — Quod in Hospitali non possit accipi alienus quispiam

Fecimus hoc etiam in utilitatem Domus nostrae, quod Hospitalarius, nec quispiam, possit accipere alienos et extorres, nec infirmos, in domo praeter triduum continuum quâlibet vice, nisi clerici forent qui inservirent Ecclesiae nostrae Domus; nec possint invitare, nec vocare ad prandia et coenas aliquem secularem et laicum hominem, nisi et Patronus hospitalis, contra auctoritatem aucthorum et dominorum nostrae Domus; exceptis solemnitatibus Hospitalis, quae sunt istae; celebritas Sancti Egidij, Sanctae Luciae, et Purificationis Mariae.

13 — Quod omnes in nostro Hospitali viventes, religiose vivant, in Sacramentis Ecclesiae

Placuit in divino cultu hoc fieri ut universi familiares nostri Hospitalis, tam mares quam feminae, conversi, officiales, servique, ter in anno confiteantur, ad minus, peccata sua religiose et pie, et bis in anno Eucharistiam Sacratissimi Salvatoris Nostri Corpus adsumant, id est: In Natali Domini, et Paschate Resurrectionis, apud religiosum sacerdotem, aut Domi aut foris, ex voluntate tamen Hospitalarii; nam feminae Domi omnia Sacramenta excipiant par est, per sacerdotem ad id deputatum in loco sacro. Nemo ex coenobio, absque Rectoris concessione et licentia, foras eat.

Nemo ex familiâ et coetu nostrae Domus, tam masculus quam femina, possit aut audeat egredi Hospitale ambulaturus per urbem, aut iturus in aliqua loca per Civitatem Florentiae aut per agrum, absque legitimâ concessione Hospitalarii; et tunc eat non sine comite, et socio. Quin et dictus Hospitalarius, cum sit opus, non eat per Urbem sine comite aetatis maioris et senioris ex familiâ Hospitalis, neque audeat pernoctare foris absque legitimâ causâ, atque tunc temporis cum contubernali.

14 — Electio Sacristae, vel Aedictui

Eligitur per Hospitalarium sacrista ingravescens aetatis, qui curam Templi et Ecclesiae gerit. Cui subditi sunt duodecim alii sacerdotes, quos Cappellanos vocant, ac sex Clerici, idest ministri Sacrorum, et accoliti. In inventarium habet omnia quae ad cultum divinum pertinent in sacrario templi, et providet ut Ecclesia per Sacra exolvatur sacrificiis Missarum, et septem horarum canonicarum, iuxta morem sacrosanctae Religionis. Ideo omnes salarium, stipendium, mercedemque laboris sui reportant, cum victu, cubiculo et tonsorum opera. Potestas vero adsciscendi et desciscendi, idest authorandi et exauthorandi dictos sacerdotes, penes Hospitalarium, non ipsum sacristam constituta est. Placuit et illud attendere, quod diebus quibuscumque Hospitalarius curet, ut horâ prima Missae celebrentur duae, altera in templo ubi mares conversantur, altera ubi feminae, ubi adsint omnes familiares Hospitalis, nisi qui fuerint impediti, aut distent legitimâ causâ. Adsit et ipse Hospitalarius qui negligentes puniat, incitet, hortetur, moneat ad cultum divinum. Coeteri sacerdotes suas sacras horas die et nocte celebrent. Per eundem Hospitalarium duo Cappellani eligantur, qui confessiones infirmorum audiant, Sacramenta Ecclesiae praebeant; et in eâ parte ubi infirmi mares sunt, alter eorum semper adest, diu noctu que alter vigilat vicissim, ac quibuscumque diebus in mane, alter eorum Missam celebrat in Cappellâ et Aediculâ hospitalis, ut infirmi audiant; et quibuscumque diebus in sero et vespero idem sacerdos, Confessionem clara voce exhibet, ut omnes infirmi audiant, ac ipsos per eam noctem sublimi Deo conciliat.

15 — Quo ordine Sacramenta infirmis exhibeantur

Tabella quaedam communi in loco affixa est, quae quatuor regulis et lineis distinguitur; in quarum unâ ascribuntur infirmi, qui peccata sua sacerdotibus exponant, idest qui confiteantur. In aliâ qui Eucharistiam sumpturi sint. In tertiâ qui animae suae apud sublimem Deum commendationem capiant. In quartâ extremam unctionem; quae tabella curae est praedictis Cappellanis et Sacerdotibus sub quorum custodiâ malevalentes demandantur.

16 — Quod peregrini et exteri adsint Sacerdotes

Quoniam vero Domus nostra non modo nostratibus, sed etiam alienigenis pater debet; provisum est, ut quandocumque, Anglici, Hispani, Galli, Germani hospites infirmi ad Hospitalale divertant aut apportentur; tunc Sacerdotes eius linguae evocantur, qui in nostro Hospitali cum salario habentur, ut alii per quos unusquisque in proprio idiomate et lingua Sacramenta Ecclesiae capit, et apud quos quilibet eorum potest extremam suam voluntatem aperire.

17 — Infirmarius, qui infirmorum primam curam habet, per Hospitalarium eligitur

Hospitalarius, pro suo jure, ad curationem infirmorum creat et elegit Infirmarium, qui semper evocatur ex his servis qui se in obsequium et perpetuum servitium Hospitalis manciparunt et tradiderunt; qui jus habet in quatuor minores duces custodiarum et vigiliarum; qui duces vigilum ex servis perpetuo addictis excipiuntur, quorum cuilibet septem ministri subiiciuntur; qui ministri homines sunt ex voto, vel ex Dei pietate Domino et pauperibus inservientes, victum tamen et vestitum hospitalitio sumptum accipientes, qui nec liberum exitum Domo habent absque Rectoris arbitrio; nam hic vadunt cum pallio grigio et signo Hospitalis. Duces autem custodiarum et vigilum, per quasque senas horas, cum suis ministris mutantur et dividuntur; adeo ut jugiter in obsequium infirmorum immoretur in Hospitali unus dux vigilum, cum suis addictis septem, sursum ac deorsum abambulantibus, allaturis opem infirmis, pie ac misericorditer, si usus et necessitas veniat, accursuris.

18 — Hospites, tum cives, si per se nequeant, per ministros Hospitalis in Libitin à quâdam apportantur

Accidit quod aliqui ex multitudine peregrinorum Romam commeantium, nec non civium et inquilinorum pauperum et infirmorum, nequibant ex se ad piam Domum accedere, quare Hospitalarius duxerit hos omnes suâ operâ in Hospitalale apportari. Proinde curavit, et mandavit servo cuiuspiam ex perpetuis, ut cum accersiretur, evocaret ad se quatuor servos vel sex, qui libitinam gestarent, ipse saccarum tragematum caperet, atque illuc se cum his conferret, ubi aut hospes aut civis infirmus

esse indicaretur, illumque susceptum, in Hospitalale inferri curaret. Quae omnia et singula, diebus fere quibuscumque, quod est longe optimum pietatis opus, efficiuntur.

19 — Quo ordine Infirmi excipiantur

Nostri Hospitalis lectuli sunt centum, singulis numeris signati, quo facilius quilibet infirmorum reperiatur, strati grabatis, mattis, culcitris, cervicalibus, linteis, stragulis. Est insuper in medio hospitalis lectulus quidam strutus tapete, in quem, ut primum venerint, Infirmi imponuntur; ad quos e vestigio accurrit Infirmarius, quidnam morbi habeant sciscitatur; febricitantes aut ulcerosos, aut vulneratos ad lectulos vacantes destinat, aut in parte superiori aut inferiori; et uni ex ducibus vigilum mandat, ut infirmo pedes laventur, alteri vero ut statim Subinfirmarium adeat, atque ab eo accipiat pro infirmo soleas oclusas, vestem ex pellibus, idest renones, induculam, idest camisiâ, capitium, et duo cervicalia; quae omnia ab eo ministro ad egrotum statim afferuntur. Hyeme in usu est lectos thermocliniis calefactare; renones induere, capitia lanea habere; aestate vero lineae vestes et capitia, et colobia sine manicis usui habentur.

20 — Subinfirmarius ab Hospitalario eligitur

Quoniam ubi multitudo sine ordine est, confusa omnia esse necesse est; nec omnia possumus omnes; proinde Hospitalarius curam rerum gerendarum diversis servis iniungit. Itaque Subinfirmarium constituit ex perpetuo Domui servis addictis, qui curae habet, et adservat linteâ, camisiâs, femoralia, idest succintoria, capitia, renones, colobia, clamides, cervicalia omnis modi, sudaria, crepidas, soleas, termoclinia, matellas, scipiones, omnia haec cum sigillo hospitalis. Is Subinfirmarius addicatur et tenetur adservare omnes vestes et pannos infirmorum, cuius rei modus est huiusmodi. Cum enim egrotus in lectum constitutus est, Subinfirmarius accedit, cunctasque exuvias in unum colligit, ac involucrum unum componit. Nomen ab infirmo rogitat, agnomen, patriam, et genus et numorum, si habet. Haec in cedula scribit. Cedula vero involucro affigit, quod mox reponit in certum locum, cui nomen Pergula est. Ut primum autem involucrum ad eum locum deportatum est, unus ex servis perpetuis, delegatus ad illud officium ab Hospitalario, accedit, atque in volumine quodam scribit nomen infirmi et

agnomen, et quâ gente et familiâ, quâve patriâ aut natione sit. Praeterea si in superiore aut inferiore pariete lacti iaceat, quo numero lectus sit constitutus. Isque liber per alphabeti ordinem compactus est. Si vero hic infirmus vitâ excesserit, alter liber est huic rei destinatus, in quo scribitur obitus huius infirmi, atque omni tempore sciri potest quando mortuus est, quando abivit ex Hospitali, quando et venerit. Cumque haec omnia illi libro per illum servum commissa sint, Subinfirmarius iterum adsumit ipsas vestes et exuvias, ac eas in quoddam penetrale, vel apothecam vel depositarium dicas (huic custodiae demandatum, quod coniungitur cum eo loco quem pergulam diximus vocari) predicatum, in quo depositario plura sunt loca, tabullis compacta quasi armaria, quibus armariis singulis singulae litterae alphabeti affiguntur, quae serviunt principiis nominum eorum, quorum ibi adservantur involucra; et cum quispiam hospes qui convaluerit, discedat, facile, cum suum nomen aperit, per eam nominis sui literam vestes eius inveniuntur; quibus inventis, ipse in locum quem apodyterium, id est expoliaterium, nominant, adducitur. Ibi, depositis vestibus hospitalitiis, suis intuitur; quo in loco, si hiberna tempestas est, semper colitur ignis; moxque bonâ pace abit. At quia saepius complures pauperes accedunt, quibus scatent pediculi, eorum panni separantur, ac eodem ordine, diverso tamen loco, adservantur. In medelam, commodum et charitatem infirmorum, ab eodem Hospitalario cura datur cuidam ex servis perpetuis, qui ter in die, totum Hospitale ambiit, secum tragemata gestat, singulos lectos adit, a singulis sciscitatur num quid velint ex saccaro, aut pineas, nuces, aut arigdales saccaro litas. Hic plura quae ad Infirmos pertinet, curae habet, ut puta panem, mantilia, saccarum, tragemata. Quin etiam ad commodiorem dietam infirmorum iugiter adoletur focus perpetuo igni, non ex lignis fumicis, sed ex carbone et prunâ, non modico sed pregrandi tumulo: nam, annis quibusque, in eo foco absumuntur modij prunae quingenti. Supra focum pendet caldarium aeneum capax cadorum quatuor, aut eo amplius. Ibi semper aqua calida ad usum Domus et egrotantium. Idem ignis commodus est calefactandis linteis et stragulis, incisoriiis, lateribus, fomentis, epythmis, syrupis et medicinis, multisque aliis rebus inservit in beneficium et infirmorum comoditates. In solamen et utilitatem egrotantium, Domi semper sunt et versantur medici tres, quos Astantes nominamus, victum ex labore suo capiunt, et cubiculum pro dignitate hominum conspicuum et honestum: luniori hi sunt aetate, quare dum diversos morbos diversâ re

medice tractant, fiunt solertiores, prudentioresque; quoniam experientia magistra rerum dicitur. Qui iuniores medici, una cum Infirmario, curationem egrotantium gerunt, qui inter se lectos et egrotos partiuntur; mox praedicti medici iuniores, et Infirmarius sex aliis medicis excellentioribus in tota urbe, qui salarium ab Hospitali capiunt, referunt totum illud quod de quocumque infirmo sentiunt. Medici sex in mane, certâ horâ, ad Hospitale accedunt; quibus adventantibus, custos vigilae, tunc in Hospitali, cum primum medicos venientes conspicatur, iubet pulsari tintinnabulum; quo sonitu, unus ex ministris aromatarij, vel pharmacopola, accurrit, linteum candidum affert, quo medicus se praecingit, mox sectatur medicum ad lectulos divertentem. Per eundem tintinnabuli sonitum evocatur et Infirmarius, et unus medicorum adstantium; qui omnes medicum seniore ad suos lectos euntem assequentes comitantur, morbi genus medico aperiunt, signa morbi exponunt, accidentia declarant; quae infirmo illo sint exhibita referunt, syruporum, medicinarum, unctionum, frictionum, fomentarum, phleboto-miae, aliarumque rerum curam gerunt. Medicus diligenter remedia ordinat, quae a ministro aromatarij in libro describuntur. Postea, suo tempore, sine ullâ parsimoniâ cuique infirmo sua pharmaca conficiuntur. Discedentibus medicis, in manuum ablutionem aqua infunditur. Profectis inde medicis, Infirmarius se ad pharmacopolam, idest ad unguentarium, confert, quorum medicinas diversas, aliaque per medicos parata cognoscit, aegrotantumque nomina, quibus illa remedia conficiuntur, in pagellâ quadâm scribuntur, et lecti numerus eâ paginâ, vel cyathis, vel ampullis, vel alveolis committitur. Unguentarius ea omnia componit, mox composita et concinnata infirmario tradit. Is, simul, cum duce uno vigilum, suo tempore, quibus illa parantur propinat. Si vero ab eisdem medicis fomenta, unctiones, cataplasmata, clysteres ordinantur, servus quidam familiaris et perpetuus, huic rei addictus, universa pie exequitur. In eodem nostro Hospitali locus quidam se junctus est, quem Medicinarium appellamus, ubi omnes ulcerosi omnismodi generis morborum innozentium curantur; quae maxima copia est, et totius civitatis et agri. In quorum omnium curatoniem medicus chirurgus praestantissimus omnium qui sint in urbe, conductus salario est. Apud eum tres e servis perpetuis versantur, qui longâ experientiâ ducti chirurgiam ediscunt, et practicam exercent. Infirmi qui suis virtutibus valent, ad medicum accedunt, ad alios vero ipse medicus per singulos lectos divertit, ut puta ad vulneratos, et ad eos qui cruribus male valent.

Dictus chirurgus duobus horis in mane, duabus item in vespere, tenetur adsistere in Hospitali, ad usum et commodum infirmorum; e tribus vero medicis semper adstantibus, unus, vel duo nunquam, Domo abeunt, sed iugiter adsunt, si opus fuerit accurrere ad eos, qui aut vulnerati, aut aliter affecti, ad Hospitalale deportantur. Qui et suis opibus medicum domum acciere non possunt, ad nos veniunt. Ibi quae necessaria sibi sunt, omnia consequuntur. Unguenta foris dantur cuilibet petenti, adeo ut singulis annis absumantur in conficiendis unguentis olei cadi sexaginta. Est et nobis tela linea nonnullis medicaminibus concinnata, ad ulcera sananda, ex quâ ulnae quingentae supra duo milia quibusque annis gratis impenduntur. Fasciae ac frusta, quae ulceribus imponuntur, a servo quodam excipiuntur, in domicilium feminarum importantur, a quibus purgata, rursum infirmis usui sunt: quae res multo impendio parcit. Constructa praeterea taberna et officina est aromatum satis ampla et opipara: ibi magister stipendio conductus rerum ad unguentarium spectantium curam gerit, ministros quatuor habet, gratis famulantes Dei causâ, et charitate, victum tamen accipientes. In eâdem officinâ duae supra viginti campanae locantur per quas extillatur quicquid sit opus medicinae. Duae vero capos est pullos gallinaceos coctos guttatim conficiunt, quam extillationem cuilibet graviori infirmo tradimus, non modo Domi, sed et foris. Hoc iugiter fit; adeo, ut singulis diebus octo vel decem capi in ea extillatione absumantur. Per ipsos ministros quicquid ad medicinam pertinet paratur, atque id ipsum selectum, lautum, optimumque conficitur. Nam Canarii mellis, vel dicas saccari, quibusque annis quatuor milia librorum absolvuntur. Totidem mellis, aut dicas cerae nativae librarum duo milia; cerae candidae librae octingentae; cassiae fistulae (sic) librarum duo milia; reubarbari librae XX; mannae librae XII; aliae quoque huiusmodi ad medelas pertinentia; quae omnia simul perveniunt ad summam drachmarum aurearum inter mille et quingentas, et duo milia. Sunt in Hospitali nostro rito cubicula com infumibulo, idest foco, lavatrina, latrina, ceterisque rebus spectantibus ad habitationem commodam, quae inserviunt et parantur infirmis maioris existimationis, ut puta, viris nobilibus, qui, aut paupertate aut quispam religione, se diligenter apud nos sospitados iri arbitrantur, quibus cura diligentissima adhibetur. Est ibidem in nostrâ Domo locus, qui his tamen infirmis paratur, qui vulnerati, aut capite fracto sint. Locus iste caecus est, quod aer huiusmodi aegrotis adseratur (sic). His semper adsistunt duo servi ad

eorum curatoniem et vocationem. Est insuper alia quaedam sedes huic Hospitali adiuncta, cui nomen Sapientia, in quâ curantur Sacerdotes et Religiosi, ubi campanula quaedam pendet, per quam servi evocati accurrunt, si quid est opus istis aegrotis. Praeseperatur locus alius, in quem qui amentes sint facti ex aegritudine includuntur, ibi in vinculis detinentur. Cum vero aegroti se se male habent, ita ut agant animam, imago Salvatoris in cruce pendentis coram ponitur, et tunc ab eis unquam discedit custos et vigil, qui legit aut symbolum Fidei, aut Domini passionem, aliaque sacra verba; cum autem e vitâ excesserit, dux vigilum venit cum sociis, montuum e lecto efferunt, illum linteo vestiunt, in feretrum imponunt, in medio Hospitali, ubi sacrarium est, collocant, cum candelâ sacratâ ad caput, ad pedes lucerna est. Cumque tempus constitutum preterierit, campana sonat; ad cuius sonitum presbyteri cum cruce veniunt. Duo ex servis fanalia bina accendunt, libitinam alii adsumunt. In templum portatur; ibi epicedium illi canitur. Post, peracta sacra, in cimiterium infertur, qui locus amplius est; et per servum ad id electum sepelitur mortui cadaver. Tam sedula et diligens est egrotantium curatio per servos nostros, ut semper complures servi in varias domos Civitatis ex Hospitali evocentur, ad quorum diligentiam graviores infirmi, et Nobiliores et Patritij demandantur; de quorum patientiâ, ministerio et operâ, haec pauca subicientur. Quam sordidi, putidi, incomodique sint languentes, nemo est qui nesciat. Illorum tamen importunitatibus patienter consulendum est. Vigiles nostri iugiter in Hospitali, ut eorum officii est, vicissim versantur, huc illuc ad evocatum infirmorum voces accurrunt. Aliis aquam coctam, aliis ptisanam, id est ex ordeo aquam, aliis liquetactum saccarum, quod iulebbum dicunt, apportant. Alii sublevandi, portandi, vestiendi, regiendi sunt, aliis mateliones ad mingendum, ad egerendumque afferuntur. Hi strepunt, illi tremunt, illi sunt phrenetici. Sed patientia et pietas vigilis durat, et servat.

21 — Modus propinandi pulmentum ex pullo potabile

Ante horam unam prandii, iis qui gravius languent jus et pulmentum ex gallinaceo praebetur. Campana signum dat. Servus e domicilio feminarum hollam plenam eo pulmentario profert, ipsamque locat in scannum, in medio Hospitalis situm, ubi lavatrina est semper plena vasibus potoriis et malluviis: infirmarius accedit, cochlear capit, et servis astantibus pul-

mentarium infundit in cyathis. Ministri pelvim habent ex orichalco, cum duobus cyathis, et uno mantile. In altero poculo aqua est, aut cum citro, aut cum pruno damasceno, aut alio ex huiusmodi pomis. In altero pulmentarium minister ad lectulos destinatum illud adportat. Languens absorbit, aqua os diluit, mantili os tergit, minister abit.

22 — De ordine prandij

Hora autem prandij servus perpetuus quidam panes stringit, et in fucellas et multa frusta concidit; alii famuli ad singulos languentes mantilia duo apportant. Infirmus unum in tabellâ quadam quasi mensâ, quae semper ad pulvinare posita est, stenit. Alterum ad tergendum mantile capit, famuli mox aquam aestate frigidam, hyeme calidam manibus praebent, mappas ad siccandas manus porrigunt.

Alius panis unam aut alteram fucellam distribuit, ac circuit si cui panis deficiat, aliam suggerens, dum prandetur, ter et quater. Interim Infirmarius campanulam iubet pulsari semel et iterum, aliquâ intercapedine. Intra hos duos sonitus adportantur esulenda et fercula in locum quemdam certum, quod distributorium nuncupant, ubi adsunt patinae omnium generum, quas tamen ligneas habent, aliaque ad hunc usum necessaria. Ibi mensa strata est, ad quam sistit Infirmarius, cum duobus ducibus vigilum hinc inde adsistentibus, conciduntur cuique Infirmo fercula et portiones, quae servis, famulis, hospitibusque adstantibus traduntur. Illi infirmis edulia apportant, audientes ab Infirmario nomenclatore, et quosque infirmos nuncupantem, numerum lectorum et aegrotantium. Ad quas portiones cito deferendas, non modo accurrunt servi omnes ociosi, sed et hospites cives et alieni, qui positis palliis tunc temporis ministrant. Si hyberna tempestas est, pruna et ignis ad quosque deferuntur in clibano, ut calefactis manibus commodius comedant. Dum vero prandetur, servi tres, ad illud evocati, vinum egregium discumbentibus infundunt, circumventes, cuilibet propinantes quod satis est. Vini genus primum album, mox nigrum lene, dulce, austerum, pro morbi qualitate, et languentis appetitu. Haec omnia fiunt, et silenter fiunt. Quaecumque autem in prandio usui fuerunt, ad sua loca propria deferuntur, sordidatae patinae, et caetera culinae vasa fictilia et lignea in distributorium congesta a servo mundantur. Frusta panis quae supersunt, in cunam demissa, mendicis ad portam Hospitalis erogantur per eundem servum qui illos

panes gladio bucellatim concidit. Illud imprimis notandum, quod, dum pranditur, dux unus vigilum cum septem sociis Hospitale circuit, quos videt adeo languidos ut nihil comedant accurrit, egrotum regunt, pulvinis sustinent, cibum in os ingerunt, solantur, animos addunt, cor verbis revocant. Peracto prandio, Infirmarius cum socio suo Subinfirmario lectos adit, impransos, infirmos notat et discit, atque illis secunda mensa paratur eduliis levioribus. In vespere vero, et cenâ idem fieri, atque eundem ordinem servari credendum est. Mox interdiu lectuli sternuntur per Subinfirmarium, cum duce tunc custodum; quae sunt sordida lintea mutantur. Egroti qui possunt, e lectis surgunt; qui nequeunt, prout potest, lecti tamen complanantur.

Decrevimus ad hoc, ut Hospitalarius et quilibet servus, conversus, familiaris, officialis, tam mares quam feminae, debeant omnes simul, mares in suo, mulieres ibidem in proprio refectorio, ad mensam congregari, et cibis uti communibus et unâ specie, suo tempore et horis legitimis, nullâ adservatâ specialitate, nisi manifesta iudicia infirmitatis appareant. Praeterea volumus ut omnes vigiliae custodire ieiunia cogantur et velint; Adventum Domini, ut Religiosi faciant. Dum discumbitur, silentium custodiatur, legaturque aliquod sacrum in mensâ, praeterque in solemnibus diebus et templi et Hospitalis. Est si forte hospites externi adsint, alius lector lectionum curam in mensam gerat.

23 — Hospitalarius promum, et subpromum facit, quos castaldos appellant, e servis perpetuo addictis, qui vini et panis claves habent, quique prandia et coenas pro sanis ordinant

Refectorium satis amplum est, in quo quinque mensae sunt, una in fronte loci, aliae ad dexteram et sinistram. In fronte, Hospitalarius et sacerdotes discumbunt. In primâ, ad dextram, perpetui servi. In secundâ, ad sinistram, coniuncti quidam in Hospitali ad victum et vestitum. In reliquis mensis caeteri discumbunt tumultuarie. Refectorij curationem habet unus, qui mundat pavementum, sternit mensas, pocula distribuit, lavat, sordidata mantilia singulis hebdomadis ad mulieres nostri Hospitalis defert. In horâ autem mensae, castaldus et socius domicilium foeminarum adit, fercula pro sanis petunt, quae in catillis quibusdam cupri in suis ollis comportantur in cellam quamdam, quae est secus Refectorium; vinum similiter hauritur in cadis quibusdam, ubi lauti adservatur, mox per

fenestram efferuntur edulia et epulae ad singulos discumbentes, qui per campanae signum; semel et iterum pulsatae, ad mensam conveniunt; benedictio mensae canitur, et accumbitur, clericus suggestum adcendit, et legit. Castaldus partes distribuit. Pulmenta duobus sodalibus partiuntur, sic vinum. Nihil autem quod communiter omnibus sit paratum, ex Refectorio exportari potest, sine suplicio, aut flagitatione. Pransis et coenatis, Hospitalarius signum facit. Illi assurgentes in templum vadunt, gratias agunt Domino. In Die Dominico Rector universos monet, ut quisque suo officio fungatur, et corrigendos corripit.

Fieri autem non potest ut omnes simul comedant, quare duo prandia et cenae exhibentur. Peractis mensis, unus ducor vigilum cum sociis, vicissim per hebdomadas, curam mundandi et tergendis vasa sordidata gerit, quae omnia purgata in lavatrîâ quadam, cum aquâ fervidâ, quae per certum famulum iugiter e Domo feminarum ad eum usum egeritur, Castaldo redduntur. Iuxta promptuariam celam ipsius Castaldi locus est, quod hospitalicium vocitant, ubi comedunt muliones, qui campanam non possunt observare; qui locus invervit et villicis et peregrinis hospitibus, et is tamen promo in custodiam traditur. Idem locus commodus est in hyeme duci uni vigilum cum sociis, ut ibi cenent. Nam illis custodia, in primâ parte noctis, datur usque ad horam sextam noctis, quo Hospitalis ordo ad infirmorum curationem permaneat. Castaldus insuper linteorum pro sanis et vestium linearum gerit potestatem; a quo omnes candidos pannos sordidos reddentes dominico die suscipiunt, mulieres omnes exuvias sordidatas decoquendo mundant.

Promus vel condus idem vinariam apothecam custodit et ministrat. Apud eum segetes omnis modi, uti vinum dulce, lene, auterum, album, russum, separatim et seorsum infunditur et conditur. In quâ cellâ, annis quibusque, quinque aut sex milia cadorum vini conduntur.

24 — Quod in sacrâ nestrâ aede, neque in cimiterio cadavera sepeliri possunt, nisi eorum qui in Hospitale pereunt

Libuit etiam nobis illud discernere, quod nec ab Hospitalario, neque Rectore, neque ullo incolâ nostri Hospitalis, possit corpus alienum, quod non sit defunctum in nostrâ Domo, sepeliri in Cimiterio aut nostra Ecclesiâ, aut alibi in nostrâ iurisdictione dictae Domus, absque expressâ concessione Dominorum et Patronorum. Hoc autem integrum sit ipsis, nam

Dominis et Patronis haec prohibitio suisque familiaribus nequamquam teneat, ac inhibeat.

25 — Quod in nostro Hospitale fieri non possit nec debeat aliqua aedícula, aut cappella, nec aedificij opus ullo in loco cum insignibus alicuius hominis

Voluimus adeo et sancivimus, quod nullus Hospitalarius, aut Rector, aut quispiam qui in nostrâ Domo vivat, audeat directe aut indirecte permittere, aut assentiri, ut in nostro Hospitali aut templo, cappellâ, cimiterio, aut alibi ullo in loco pertinente ad Hospitale, fiat, aut concedatur fieri aedificium, pictura, sculptile, aut ullum opus, altare, oratorium sepulchrum, monumentum, vexilla, literae per ullas personas, communitatem, collegium, universitatem absque expressâ licentiâ et concessione ipsorum authorum et dominorum nostri Hospitalis, praeterquam si essent Divinorum et Sanctorum Imagines ad ornamentum et religionem Domus: quae si fiant, nulla hominum aut familiarium appareant insignia.

26 — Quod non possint revelari facta et res Hospitalis

Decrevimus, insuper, quod nemo ex his qui nostram Domum incolunt, audeat revelare aut notificare directe, indirecte, tacite, aut expresse alicui extraneo et alieno, nisi pro salute authorum et ipsorum dominorum, rem ullam aut factum aut negotiationem, ne exurgat damnum, praeiudicium, dedecus aut infamia Hospitali, aut ulli ex Patronis, aut cuiuspiam ex nostrâ familiâ, praeterque Archiepiscopo, aut eius Vicario, sub poenâ gravioris poenitentiae imponendâ a Rectore Hospitalis. Super qua re Hospitalarius teneatur saepe mentionem istarum rerum facere, et delinquentes, corrigere, et ex suâ conscientiâ castigare.

Statuimus quod quaelibet admonitio, correctio et supplicium, quae irrogandae sint unicuique subdito nostro transgressori infrascriptorum et suprascriptorum capitulorum, aut et pro quâcumque aliâ culpâ et delicto, sit penes arbitrium Hospitalarij. In his tamen peccatis, quibus non apparet statuta et determinata pena in presentibus constitutionibus, excepto et exempto tamen illo quod Hospitalarius non habet potestatem in dicta causâ exauthorare et expellere e contubernio et coenobio

nostrae Domus servum aut conversum aut familiarem, absque concessione et voluntate familiarum conversorum et officiorum nostrae Domus, aut ex consensu plenaeque et maioris partis, seniorumque praecipue.

27 — De iuramento et observatione capitulorum

Statuimus, ut quilibet Hospitalarius in principio suae vocationis, ad minus intra dies octo postquam declaratus fuerit Hospitalarius ac confirmatus, et posteaquam ordines et constitutiones illi fuerint notificatae quae in presenti libro continentur, teneatur, obligetur et debeat sancte et solemniter iurare se observaturum, daturumque operam pro viribus, ut observentur dicta statuta, et ordines a quibuscumque Hospitali nostro adiudicatis, sub poenâ privationis cuiusque juris et partis quam haberent in dictâ Domo, in quam poenam e vestigio post peccatum incurrant. Ibidem quisque ex familiâ iuret, et promittat se facturum: quod si non faciat, primo sic puniatur, ut ter in medio triclinio humi sedeat, et pane et aquâ vescatur, tam caeteris spectantibus, et ad mensam discumbentibus. Secundo si deliquerit et ex animo, septies humi comedeat ut supra. Quod si tertio commerit, statim intelligatur privari officio, beneficio, famularitate, utilitate, honoreque nostrae Domus; nec ulla habeatur ratio maioris vel minoris hominis, et aetati et dignitati, iuxta pronuntiatam sententiam, arbitrium et rationem Hospitalarij: ac quisque sic privatus nullo pacto in pristinum locum restituatur, ac reponatur, absque favore et consensu Hospitalarij ac quatuor conversorum et perpetuorum familiarum, authorumque et dominorum voluntate; hoc servato, ut absolutio perjurij ad Archiepiscopum, vel suum Vicarium referetur et reservetur.

Is praemissis, ad incrementum nostrae Domus, hoc non sumus aspernati, ut in primâ fronte Hospitalis, tam apud mares quam foeminas, perenniter teneantur et appareant capsae et arculae, in quas deferantur donationes et elemosinae quotidianae, quae sub tribus clavibus clauduntur, quarum unam adservat Hospitalarius, alteram quaestor, tertiam Aedilicius tutor aut conversus omnium antiquissimus, et fide spectatus. Capsulae istae quatuor in anno aperiuntur ab his qui claves habent; quicquid invenitur bonâ fide quaestori adiudicatur, qui ephemeridi, vel diario, idest libro ubi proventus describuntur, adscribit.

28 — Tabellio et notarius conducitur

Utile fuit et commodum in nostrâ Domo Tabellionem, idest Notarium, simul et dictis peritum, quasi patronum et causarum actorem, conducere certo stipendio et mercede, qui eligatur ab Hospitalario et conversis familiaribus perpetuis; cuius administratio et officium duret quamdiu electoribus placeat. Munia hominis sint ista; ut testamenta digerat et scribat, et omnes ultimas voluntates stipuletur, legata, locationes, conductiones, instrumenta, cartas curet, quae omnia et singula sint in utilitatem et commoda nostrae Domus.

29 — Vacante sede Hospitalarii, inventarium conficiatur

Provisum et consultum a nobis quoque est, ut in tempore vacationis Hospitalarii, Domini et Authores, pro tempore in Urbe presentes, aut eorum pars bona, una cum conversis perpetuis, qui si deessent, cum quatuor familiaribus antiquioribus, quantocius potuerint, teneantur et debeant conficere, aut faciendum curare inventarium omnium librorum, calicum, sacrarum vestium, thesauri, suppellectilium, bonorum, rerumque universarum spectantium ad nostram Domum; quae cuncta et singula caute et solerter serventur et custodiantur. Haec ipsa, creato novo Hospitalario, referantur et rescribantur, quaestori, item et aedituo. Haec ipsa, tam quod potuimus concinne et breviter, de ordine rerum gerendarum in domicilio virorum, exposita sunt. Nunc quamquam idem apud feminas servatum iri credendum est; tamen quaedam quae commoda fore censemus, paucis aperiuntur. Eâ vero in parte, in quâ feminae versantur et habitant, centum mulieres incolunt, servae et famulae perpetuae, vilioribus, vestibus indutae, quales mares vestiunt, ab Hospitalario acceptae, quarum operâ sanos et infirmos curant hisce in rebus.

Primum, in suo Hospitali infirmas habent, quae eodem ordine curantur. Infirmaria creatur ab Hospitalario, cum custodiis et in re (sic) omnia et singula sunt eadem. Apud eas, siquidem est magistra rerum experientia, aliquae inveniuntur chirurgiam commode exercentes, quarum saepenumero curationes mirificae sunt, et supra fidem omnium. Istarum mulierum par, ut puta, feminae decem, conficiendum et pinsendum panem curant, pro universis tam sanis quam infirmis utriusque sexus. Servi ad pistorem juxta Hospitale locatum panem exportant et coccum referunt in utramque Domum deferendo, quod sit satis:

singulis hebdomadis haec feminae mutantur, aliae succedunt seriatim in quolibet officio.

Decem aliae culinis praesunt universis, epulas, edulia, pulmentaria parant.

Quindecim eorum vestes omnes lineas loturis purgant, mendant, tergunt, lavant, siccant, plicant diebus quibusve. Earumdem octo pullos gallinaceos, gallinas, anseres, anates curae habent, ubi notandum est millia adesse eorum. Nam in nostro Hospitali absumuntur in anno viginti millia pullorum et gallinarum ovorum, tantumdem. Earum una, per Hospitalarium electa, lineas vestes custodit; alia indumenta ex lanificio. Alia linthea pro lectis, et mappas et mantilia. Alia res sacras in sua aedicula. Mulierum vero domicilium et hospitale singulis noctibus in primo vespere occluditur. Servis quidam ex perpetuis claves secum defert. Cum vero infirma eget sacramentis, per campanam sacerdotes evocantur, et accurrunt. Quod si noctu legitima quaedam de causa infirma ad Hospitale portaretur, reseratur et tunc Hospitale; interdum, si mulier male valens egeat sacramentis, campanula semel signum dat; si Eucharistia, bis sonat: si extrema unctione opus est, ter campana pulsatur.

30 — De cura adhibita ab Hospitalario erga feminas

Aedituus, vel sacrista nostri templi et praesbiter ingravescens aetatis, laudabili vita, optimis moribus, confessiones mulierum infirmarum audiunt, et omnia sacramenta exhibent die noctuque.

Apud eas, et in obsequium earum, assistunt servi duo seniores, qui aperiunt et claudunt Hospitale. Manent autem et immorantur in vestibulo Hospitalis, nec sinunt quempiam ingredi nisi qui infirmas intus habeat, quas si visat, comitatur eum unus ex his, nec prius deserit, quam foras emisit: quod si feminae sint, libere feminas adeunt. Custodes iidem multarum rerum curam gerunt, per quos mulieres petunt quod sit eis opus, panis, vini, olei, salis, lignorum. Illi a Hospitalarium aut ad quaestorum referunt. Denique universis rebus quatuor alii servi famulantur.

In frontispicio et vestibulo Hospitalis stant hydriae et urinae duae, quarum altera coctam habent, altera crizam, idest aquam ex ordeo, a quo loco universa civitas eas aquas libere in usum suorum languentium petit: ubi notandum est, quod diebus quibusve, pari numero coequato, cadi X aquae et ptisanae erogantur in populum.

31 — In domicilium Mulierum non itur

Addendum censuimus, nulli Hospitalario presenti et futuro, Rectori, officiali, converso, familiari masculo, incolenti nostram Hospitalis Domum, liceat ire, immorari, ingredi in Hospitale mulierum, et in ea loca ubi mulieres versantur et habitant, absque legitima et honesta causa, atque tunc cum comite ex familia hospitalitia.

32 — Hospitalarius mulieres semel in mense visitat

Utile hoc sancire visum est, ut Hospitalarius debeat singulis mensibus semel Hospitale mulierum visere, et praesertim in solemnitatibus, atque eas in communi hortari, monere, reprehendere, solari, pacem et concordiam nutrire, scandala intercidere, simultates conciliare, habitum semper ratione sexus et imbecillitatis muliebris, ut sint sedulae et diligentes, ut charitatem et pietatem colant, atque observent.

33 — Conventus non fiat, neque concilium contra Dominos Hospitalis

Nulla de causa praesumat Hospitalarius conventum ullum facere, atque in unum vocare familiares et cultores Domus nostrae, ac in eo capitulo ullum opus patrare contra honorem vel auctoritatem authorum et Patronorum Hospitalis, in praeiudicium nullius sui juris.

34 — Quomodo institutiones istae custodiantur

Consilium nobis fuit, ut universis rebus consuleretur, ut omnes istae Constitutiones, in cohercitionem Hospitalarij et coeterorum, libris duobus scribantur; quorum unus sit publicus et idoneo loco constitutus, cathenis servatus; alter in capsulam elemosynarum claudatur. Volumus, ut omnia et singula pie, caute, solerter serventur, custodiantur et fiant, sub poena et supplicio in suprascriptis ordinationibus contento. Salva tamen semper et integra omni in re Archiepiscopi ut sui Vicarij auctoritate et potestate, ut possit erogare, disponere, declarare, addere, eximere, immutare et rursus constituere et condere, prout suae libere placuerit voluntati, menti et animo, et successive successorum eius. Annotabuntur, quasi pro coronide nostri Operis, sed quae etiam non sint superflua, aliqua quae ad sumptum tanti huius Hospitalis attineat.

Domus nostra hortum habet; eum colunt olitores tres; hinc olera sumuntur, quae cum non sufficiant, e publico foro olitorio pecuniâ petuntur, quorum pretium est in anno drachmarum auri centum.

Muliones sex mulos habent XX; qui quae sunt universis opus apportant et convectant ex agris et prediis. Impensa est trecentum aureorum.

Minister unus conducitur, qui separatos et seiunctos fundos adit, colit, pangit, condit, praedia observat et curat.

Ministri item perpetui uxorati, sed qui sua bona Domui tradiderint, certis in locis distribuuntur, qui multorum simul praediorum curam gerunt. Hi spectati fide sunt, nam rationem reddituum ponere possunt.

Lanium abemus, qui Domi lanienam exercet, nam nobis verveces, agnos, boves, vitulas pascimus. Is in mensâ lanionâ in anno coedit ducentos castratos, supra mille agnos, septingentos haedos, quingentos vitulos, sues centum. Quorum omnium sumptus est aureorum mille supra octingentos, aut eo amplius.

Calceolarius omnes calceos universis, et sanis et infirmis, concidit, et suit.

Molendinarius conducitur, qui frumenta molit; nam in anno modii trecenti et sexaginta absumuntur.

Tonsores quatuor in die jovis Domum veniunt, radunt, tondunt, stipendium victu habent publico. Haec omnia Domus nostrae sumptu et impendio.

Eidem Serenissimo Angliae Regi

Haec ipsa sunt, gloriosissime Rex, et Civitatis nostrae et nostrae Domus opera, et insignia, summâ pietate mirâque charitate conspicua, quae, pro nostro ingenio et viribus distincta ac digesta, ad Serenissimam Maiestatem tuam transmitti curavimus. Corona autem tua pro suâ celsitudine alique clementiâ, multo maiora ac magis pia, immo maxima ac pientissima, praestabit; per quae amplitudini suae laus, gloria et aeternitas parata est. Si quidem junior Plynus tam sapienter quam dixit vere: «Quatenus negatum est nobis diu vivere, relinquamus aliquid, quo nos vixisse testamur»; unum oramus, ut nos, Maiestati tuae minimos quidem immeritos servos, sed fidelissimos,

sub coronae tuae presidio non invitus ac serenâ fronte suscipias. Rex, félix et aeternum vive».

NOTA — Pouco antes de ser publicado este artigo, e devido ao interesse que pelo assunto manifestaram os Senhores Doutores Gino Savio e Giacinto Manuppella, recebemos as cópias, em italiano, de regulamentos do Hospital de Santa Maria Virgem de Siena, anteriores ao Séc. XVI, que vamos estudar atentamente, registando neste lugar o nosso reconhecimento àqueles Senhores pela boa vontade com que no-los obtiveram.

F. C.